

Tantas memórias – ou um difícil passeio pelos modos de pensar a memória: possibilidades, textos, atores

JERUSA PIRES FERREIRA

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP

RESUMO

O artigo refere vários sentidos de memória, segundo diferentes pontos de vista e observa que memória nunca é recuperação objetiva e completa do que já passou. Memória é base não só para fenômenos biológicos, mas também para a identidade cultural e para a tradição; sua seletividade é tanto uma proteção para os indivíduos e sociedades, como é caminho para a cultura. Entre outros títulos, refere-se com mais ênfase ao livro de Mônica R.F. Nunes, *A Memória na Mídia*, do qual apresenta um brevíssimo resumo, como sendo indispensável aos estudos sobre Memória. Faz o mesmo em relação ao livro de F. Colombo, publicação antiga e já bastante conhecida, *Os Arquivos Imperfeitos*.

Palavras-chave: Memória. Arquivos. Cultura. Diversidade textual

ABSTRACT

This article deals with the many meanings stemming from Memory, according to different points of view. It assumes that Memory never is a complete, objective recovery of what ceased to be. Memory is a basis not only for biological phenomena, but also for cultural identity and tradition; its selectivity is as much a protection for the individuals and societies as it is a way to culture. Among other titles analyzed, this study refers, in particular, to the books “A Memória na Mídia”, from Monica F.F. Nunes, and “Os Arquivos Imperfeitos”, by F. Colombo, considering them as indispensable to the study of Memory.

Key words: Memory. Files. Culture. Textual diversity

Memória, a *Memória*, 'as Memórias' têm sido grandes e prestigiosos temas, em nosso tempo, na virada de milênios e de novas eras, de tantas conquistas e de muitas perdas. Dão conta do registro, do entendimento daquilo que se busca processar, desvelar, mas têm sido também rótulos que abrigam qualquer coisa, panacéia, e canteiro de equívocos. Afinal, sob o rótulo de memória cabe tanta coisa...

Há nas pessoas todo um desejo de guardar e recuperar o que se extravia na vertigem. Mas a memória disso ou daquilo só pode ser exercida em plenitude relativa ou em suas incompletudes, recriações e até impedimentos. Assim há também memória como sustentação de "identidades", rede de conhecimentos que se projetam ao passado e ao futuro concomitantemente, em movimento pendular.

Por sua vez a *Memória*, fenômeno material e corpóreo, psíquico e ainda fenômeno de cultura, enquanto categoria, é um modo especial de presentificar a vida em muitos atos e formas específicas do lembrar, que pode vir do recordar, ao re-lembrar ou evocar e daí por diante, lembrar esquecendo ou simplesmente esquecer.

Quanto à memória biológica, e ela não pode deixar de ser aqui trazida, se desenvolve num terreno em que tudo é o jogo dinâmico entre seleção, codificação, transferência. E então tudo será memória e seu par complementar – o esquecimento.

Penso, aliás que a vida é uma luta pela memória, contando sempre com os vários tipos de esquecimento, o restaurador, o devastador, ou simplesmente o olvido e o silêncio que antecipam a morte.

Podemos falar de modos de ser da memória, das suas falhas e de seus excessos, lembrando que a memória prodigiosa num indivíduo era um fato comprometedor, por exemplo, perante a Igreja e seus Inquisidores, como nos aponta tão bem Paul Zumthor no seu livro fundamental *A Letra e a Voz*.^[1] Era atribuído a este fato todo um poder diabólico. Não seria difícil de imaginar-se o embaraço e os perigos para as heterodoxias de um tal arquivo vivo, por um lado denunciador por outro transmissor. Até hoje, em linguagem policial, fala-se de queima de arquivos, quando se elimina alguém cuja memória detém fatos e seria capaz de trazê-los à tona.

Para a tradição oral, a memória é espaço, lugar, e a própria matéria construtiva de tudo o que se cria. Ela é o encontro da tradição com o presente e com aquilo que se projeta ao futuro. E aí há a memória acionada em presença, interativa e fundamental, no estabelecimento da pactuação que torna possível o reconhecimento de um repertório e do ato criador.

1 - ZUMTHOR, Paul.
Tradução de Jerusa
Pires Ferreira e
Amálio Pinheiro.
São Paulo:
Companhia das
Letras, 1993.

As memórias contadas (anamneses), imaginadas, comparecem desde sempre na literatura e na poesia (afinal nunca é demais repetir que a memória é a mãe de todas as musas), e são muitas vezes a própria literatura e a poesia. Identificando-se fortemente com o processo criador e suas matérias primas, Miguel Torga, escritor português, chama de *Dias da Criação* [2] alguns dos livros de memórias que escreveu, à maneira do *Gênesis* bíblico. Augusto Roa Bastos um dos maiores escritores de nosso continente, em seu livro *Yo el Supremo*, [3] atribui à memória, inclusive à memória viva na palavra oral, a capacidade de poder reverter a tirania da letra e dos déspotas que a transformaram em lei.

A literatura apóia na grande memória pessoal/coletiva discursos que trazem, em interação, o reavivar ou o esquecer, em processos contínuos.

Assim não podemos também deixar de lado velocidades e ritmos, os labirintos, a memória das formas e a dos gêneros, a memória fantasmática. Há ainda a comentar a força de toda uma memória subterrânea, daquela que se desenrola como algum tipo de resistência ao que foi recalçado e perseguido e que recrudescer com uma vitalidade sem par.

Estas reflexões fazem parte do conjunto em que se fundamentaram os ensaios e estudos contidos em meu recente livro, *Armadilhas da Memória*. [4]

Mas há também na literatura, na própria construção da memória, o discurso sobre ela, aquele que procura compreender alcances e limites da apreensão memorial. Temos neste caso, entre outros o fascinante livro de Ismail Kadaré [5] sobre a memória e seus registros, que ele tão sabiamente batizou de *Le Dossier H*.

Não será um dossiê o lugar de uma reunião, mas o da memória aprisionada?

Ele nos conta aí o episódio da presença de dois pesquisadores que vêm de Harvard para descobrir e gravar os rapsodos albaneses que eles acreditavam deter uma epopéia pré-homérica. Na trama romanesca que se desenvolve, podemos acompanhar como, de fato, o fizeram. Na véspera de partir porém, defrontaram-se com o que não esperavam. Um certo “monge”, alucinado e defensor da tradição, entra no alojamento dos pesquisadores e destrói tudo, considerando que não se pode registrar e levar consigo a memória de um povo. Impressionante episódio que nos oferece para pensar um ato imobilista e retrógrado, mas, ao mesmo tempo, considerar os paradoxos de nossa transformação, em que tanto se destrói e se perde, quando se pretende captar. Ou quando a captação se transforma em apropriação que desterritorializa e desfigura.

Poderá ser bem abrangente mas sempre será incompleto um discurso sobre a memória, do mesmo jeito que a memória abarca e despreza fatos e coisas e a outras faz renascer vivificadas e perenes.

2 - TORGA, Miguel. *Diário*. 4ª edição. Coimbra: Coimbra Editora, 1957.

3 - ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Cuba: Casa de las Américas, 1979.

4 - FERREIRA, J. P. *Armadilhas da Memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

5 - KADARÉ, Ismail. *Le Dossier H*. Paris: Gallimard, 1989.

6 - FERRARI
NUNES, Mônica
Rebeca. *A Memória
na Mídia: a
Evolução dos
Memes de Afeto.*
São Paulo:
Annablume/
Fapesp, 2001.

A propósito do livro instigante e denso, *A Memória na Mídia*, [6] de Mônica Rebecca Ferrari Nunes e do prefácio que escrevi para ele, tenho de confessar que isto representou para mim um desafio e que o fiz com muita dificuldade.

Estava, por um lado, procurando caminhos restauradores e, por outro, descobertas. Sempre que começava, se oferecia claramente toda a dificuldade do percurso, tudo o que traz de complexo o fato de estar pensando a memória, buscando uma síntese possível. E mais complicado ainda foi estar diante do conjunto memória, corpo, e mídia, compreendendo a passagem por algumas destas incursões e de tantas outras. Procuraria mostrar que a originalidade deste trabalho é, entre outras coisas, o fato de estabelecer conexões, de pensar a constituição da memória em termos cognitivos, incursionando pelo neurológico, a partir das formulações de Antonio Damásio, em seu livro *O erro de Descartes*. Acompanha-se a continuidade da memória em suas unidades afetivas e neurológicas mínimas – os memes, que por sua vez, vão responder pela presença de determinados tópicos na Cultura. Constata a autora que certas recorrências de segmentos e de situações são acionadas pelos agenciadores e transmissores de cultura midiática, a partir de atos replicadores, atingindo-se, na recepção, essas unidades em condições de serem assimiladas.

Tem portanto, em seu trabalho, alguns apoios fundamentais, como o livro básico de Frances Yates, *As Artes da Memória* [7] do qual faz às vezes a paráfrase e exercita o comentário.

Desenvolve a idéia de meme que explica, com clareza, nos oferecendo a possibilidade de enfrentar as relações entre a produção de memória e o corpo. A partir de uma perspectiva evolucionista assumida, situa nos memes e na memória aspectos da mutação biológica, ao longo da história.

Reflete e discorre sobre a memória na contemporaneidade e, ao invés de pensar em resgate, numa interpretação que contemple o viés saudosista do ato memorial, considera-o em projeções e replicações sucessivas e nos ritmos e precipitações e atualizações da memória.

Trata dos arquivamentos, dos espaços e das configurações, procurando ultrapassar, no entanto esta dimensão. A autora consegue estabelecer alguns princípios pelos quais um outro corpo (mais que metaforicamente assumido como tal) ou seja o dos textos de cultura, e depois a imprensa e a mídia, consegue se estabelecer enquanto sofisticada organização da memória. As notícias nos aparecem como sistematização de códigos culturais transmissíveis, e sua leitura aponta para a evolução do biológico e também para o campo mítico. O corpo-mídia com suas leis de permanência, o corpo da notícia e da mídia ali colocados à luz da teoria semiótica.

7 - YATES, Frances
A. *L'art de la
Mémoire.* Paris:
Gallimard, 1987.

Nos belos títulos que dá a seus capítulos, constrói o que poderíamos chamar uma *poética da memória*. Ali estão contemplados os segredos, a memória da dor, os lugares e imagens a ela referidos, as memórias do medo, do sangue e de outros elementos que remetem à vida e à morte.

Em sua densidade, este livro discute os paradigmas rumo à memória artificial ou às memórias artificiais, e o que interessa não é concordar ou discordar dos passos dados pela a autora e pesquisadora mas observar o seu achado que contempla o dinamismo inerente a todo texto de cultura. Dentro desta perspectiva, procura seguir nas recorrências e na presença afetiva de situações recuperadas e intensificadas, os operadores afetivos deste *corpo/mídia*. Ao observar a construção da notícia na mídia, capta os aspectos de rememoração e os de projeção e planejamento. Ao pretender uma semiose do ato memorial transmissível, reúne, com prudência, contribuições que vão da biologia aos sistemas de informação. Creio ser um livro indispensável aos estudiosos dessa área que nos pede sempre exploração e audácia.

Foi então que vivi a incrível experiência de reler, e com dobrada atenção, o livro *Os Arquivos Imperfeitos* [8] de Fausto Colombo. Ele nos mostra no século XX uma autêntica vocação para a Memória, e nos situa (como não podia deixar de ser, diante do aumento de informação) face a uma espécie de mania arquivística, que permeia conjuntamente a cultura e a evolução tecnológica: a gravação e o arquivamento e a seqüência de seus atos decodificadores e tradutórios, eu diria.

Leva-nos a recuperar algumas idéias do teórico russo Luria, [9] ao falar da espacialização da memória e aqui, da tecnologia ao homem, e aos espaços disponíveis para os diversos tipos de memória.

É bem atraente a aproximação que faz dos arquivos telemáticos às antigas formas de memorização (mnemê), transmitidas e sedimentadas nas *Artes da Memória*, aproximação feita também com muita oportunidade pela pesquisadora Mary Carruthers.[10]

Para Giordano Bruno, o saber mnemômico enforma o mundo que assume sempre com maior intensidade os contornos da lembrança, da memória espacializada e traduzida. Colombo vê a concepção de Bruno reviver nas concepções informáticas de nossa era. E nos apresenta o desafio da concepção cabalística e da configuração de certos ícones que se transformam em talimãs.

Tendo a memória como chave de leitura, nos traz algo de fundamental, a idéia de que a estruturação do saber é a estruturação do mundo, e nos coloca diante da potência de uma coisa que ele denomina forma-memória.

Passando por uma série de questões da maior importância, nos encontramos

8 - COLOMBO, Fausto. *Os Arquivos Imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

9 - VIGOTSKII, L.S. LURIA, A.R. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

10 - CARRUTHERS, Mary. *The Book of the Memory*. London: Cambridge University Press, 1990.

diante do eu-arquivo para quem conta muito a conservação e a recuperação, a luta contra o esquecimento possível, enquanto apagamento dos traços memoriais.

Por outro lado, faz a apologia daquele esquecimento restaurador que comentamos em outra seqüência do nosso livro já referido.

O TEMA E SEUS PERSONAGENS

Quando nos aproximamos de um tema, o elegemos como questão central, e vamos desvendando-o aos poucos, há surpresas e encontros extraordinários mas, só depois de alguma experiência, conseguimos abrir pistas, aproximar o que antes estava disperso, estabelecer analogias. Podemos experimentar (aliás sempre e prioritariamente) a percepção poética, que nos traz o impossível de ser conseguido por outras vias. Toda elaboração é lenta, e imagine-se quando um tema tem a complexidade de significações de *A Memória*, desde sempre objeto de tantos filósofos, pensadores, escritores, cientistas...

Recentemente ficaria muito impressionada com o notável índice de sistematização e de entendimento classificador e hermenêutico dos fenômenos ligados à memória, pela leitura do livro de Paul Ricoeur *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. [11] Sobretudo por ele começar estabelecendo, a partir de Aristóteles, as diferenças entre a memória contada (anamense) e a que se apresenta codificada na intensificação de seus processos para lembrar (mnemê).

Como comentei antes, para a tradição oral a memória é mais que apoio, é matéria prima, é lugar, detonação, ponto de partida. Lembrar é um ato que arregimenta falas e gestos, corpo e mente, o legado dos mortos e a presença dos vivos, é coesão e transformação possível. Mas é sobretudo garantia de precisão e entendimento. Por isso mesmo é em certa medida ficção, preenchimento e uma sucessão de atos tradutórios imediatos.

Por sua vez, e sem descartar curiosidade ou estranha afinidade, pesquisadores vão se aproximando e trocando experiências, construindo uma espécie de rede...

Não por acaso recorde (aliás no pleno sentido afetivo e retroativo do termo) meu orientador de mestrado, o historiador José Calasans (UFBA), [12] um pioneiro dos estudos de História Oral no Brasil, trazendo ele próprio a memória de um grande texto oral que presentificava criaturas e personagens, situações de nossa história, ícones e documentos, como é o caso da guerra de Canudos e da evocada e consecutivamente recriada figura de Antonio Conselheiro (aliás com muita razão).

A memória viva em recriação permanente achava espaço em sua fala que reinventava o repertório captado em sua infância e ao longo de sua vida. Fazia

11 - RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

12 - FERREIRA, J. P. "José Calasans: um mestre, um pesquisador, um pioneiro". *Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP*, no. 23. São Paulo: Educ, 2001.

acompanhar o relato ou a dramatização da cena oral, acompanhando tudo com um discreto riso e um meneio de cabeça.

Aliás, a propósito disso, da performance memorial, há todo um campo a ser explorado, no que se refere à riqueza do gestual (Jogos de Memória), quando do ato de lembrar. [13] Evoco aqui a figura extraordinária do semiótico russo V.V.Ivânov, [14] uma das mais sábias criaturas que já encontrei, e que nos transmitia, em diversas ocasiões, os seus conhecimentos, formulando questões e evocando situações, coisa que fazia de olhos fechados e acompanhando de discretos gemidos. À sua criação e transmissão memorial, correspondia toda uma realização corporal sugestiva e compatível ao esforço de lembrar, ao prazer e à dor que é a luta pela memória, que pode ser recompensa ou castigo.

Não por acaso, no doutorado teria como orientador Ruy Galvão de Andrada Coelho, [15] que aos vinte anos tinha já escrito um trabalho sobre Proust, ele próprio detentor de uma intensa cogitação sobre as coisas e de um discurso em fluxo sobre a memória, e poderíamos falar dele mesmo como memória em discurso. Sua exposição era toda uma captação de referências.

Ele nos trouxe um acento especial para a memória que recria, que re-inventa, apelando para a percepção gestáltica. Ou, em meio a suas reflexões sobre a imaginação sociológica, um dos temas de sua predileção, nos ia levando a entender a força coesiva da memória, situando-nos diante de Maurice Halbwachs que muito admirava, procurando sempre tirar de “Os quadros sociais da memória” [16] os traços que lhe permitiam conectar uma memória social, se assim se puder dizer, às inserções do sujeito, em seus vários ritmos memoriais. Gravamos e transcrevemos algumas de suas reflexões, em que se inscreve o forte viés de uma memória mágica, considerações que vão de Dante a Giordano Bruno.

Foi também ele que nos trouxe pela primeira vez Frances Yates, e seu livro extraordinário sobre as *Artes da Memória*, situando especializações e fazendo descobrir tradições tão fortes no Renascimento, como o teatro da Memória de Giulio Camilo.

Assim, e sob a atraente chamada de Paul Zumthor num surpreendente texto poético, que traduzimos e publicamos em português, *A Tradição e o Esquecimento*, [17] fui adentrando as sutilezas de leitura neste território em que se constrói toda uma rede em movimento de achados e de indagações.

Também com a memória que transmite conhecimentos sobre a magia do desempenho de dizer e da escuta, do que se fala ou se omite, do que se capta ou não, atentos ou não para as energias que encontram rumo ou se desviam. Procurou fazer ecoar em nós a auscultação de uma espécie de “voz primordial”, pulsação e vida, para ele móvel e princípio de toda poesia oral, da tradição que se faz transmissão.

13 - ZUMTHOR, Paul et ROY, Bruno. *Jeux de Mémoire: Aspects de la Mnémotechnie Médiévale*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1985.

14 - Cf. SCHNAIDERMAN, Boris (org). *Semiótica Russa. São Paulo: Perspectiva, 1979.*

15 - FERREIRA, J. P. “De uma aula de Rui Coelho: magia e memória”, in: *Revista Imaginário, no 2, Centro de Estudos do Imaginário da USP, 1995.*

16 - HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.

17 - ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

18 - Cf. FERREIRA, Jerusa P. *Armadilhas da Memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Como disse, impressionada com a precisão de Yuri Lotman, [18] ao considerar a memória em transmissão como ato seletivo, informacional e comunicacional, passaria a me preocupar intensamente com esta viagem, rumo à memória de textos que, em sua trajetória, pensassem a memória.

Depois de publicar, *Cultura é Memória* (Revista USP, n. 24), enfocando as concepções do mestre pensador russo de Tártu, passei a oferecer um curso com este nome no Programa de Pós em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e já realizamos dois Colóquios “Cultura é Memória”, no Núcleo de Poéticas da Oralidade, onde nos encontramos, tantas vezes, procurando as aproximações possíveis entre a Memória (ato e materialidade) e as memórias narradas, por exemplo, entre o lugar e as temporalidades memoriais, e passando naturalmente por diversas linhas de concepções e estudos sobre a Memória.

O que nos fica bem claro não é que se conclui uma passagem exaustiva ou conclusiva sobre tudo isto, mas que se constrói, em rede, toda uma cogitação que vai se atualizando, abrindo novas possibilidades, aproximando ou afastando discursos, apostando na possibilidade tensiva deste ou daquele aspecto, deixando que se construa todo um texto móvel, num território de imprevisibilidades.

Cabem aqui o ato comunicador levado à sua mais extrema ação, a profecia e o que chamei de memória do futuro, quando há todo um repertório que se projeta como fundamental e se alimenta do ato receptivo.

A partir de algum tempo, por exemplo, “Memória e exílio” [19] passaram a ser um de nossos tópicos mais insistentes, respondendo inclusive por uma conexão com os trabalhos de meu orientando Hudson Moura, que a partir do cinema de Vladimir de Carvalho situou a memória migrante, o tema da migração, busca de uma territorialização, conforme Gilles Deleuze, desenvolvendo sua tese de doutorado sobre ‘Imagem e exílio’.

E eu não poderia deixar de acusar aqui a importância que teve para mim o prefácio de Dan Ben Amos sobre o livro *Of Gods and Men* de Greimas, [20] quando ele nos mostra como o exílio é a mais forte das experiências do século XX, e podemos avançar pelo XXI, infelizmente. A deslocação requer o lastro da memória em toda a sua intensidade para o assentamento, e o esquecimento do trauma para a continuação dos vínculos identitários ou para a criação de novos. [21]

O rol das alusões é infinito, mas fomos trazendo, sempre que possível, de Jean Pierre Vernant (Mito e Pensamento entre os Gregos) a Lévi- Strauss (O Olhar Distanciado) à conhecida contribuição de Jacques le Goff e de Pierre Nora, ao encantamento da leitura de Walter Benjamin, a Mary Carruthers pesquisadora inglesa em seu *Book of Memory* (London, 1990), no qual ela nos apresenta todo um recenseamento das formas de sistematizar a memória, enquanto fenômeno da arte

19 - MOURA, Hudson. “Memória e exílio: o cinema de Vladimir de Carvalho”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1996.

20 - GREIMAS, Algirdas J. *Of Gods and Men*. Indiana University Press, 1992.

21 - SELIGHMAN, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2002.

e da cultura e também na diversidade de suas abordagens a Claude Filteau, a Ecléa Bosi, a Jeanne Marie Gagnebin [22] com seus belos trabalhos, de Platão a Walter Benjamin, a Miriam Chnaiderman [23] que buscou em sua tese de doutorado um viés fisiológico da memória, com os estudos de Ribot, entre tantos outros.

Conforma-se aqui uma espécie de rede (sempre muito a percorrer de Freud a Lacan) em que se espraia o tema, novas bibliografias e referências vão se abrindo e, a partir delas, a inserção de textos de cultura, tendo a memória como assentamento. O corpo biológico e o corpo extensivo dos signos, formalizados ou não, na plenitude de seus mistérios.

Aí se oferecem muitas vezes desafios, abismos, barreiras, que nem sempre conseguimos transpor, e a que não nos propusemos aqui. É nesta inquietação que estão as chaves procuradas no trato com a memória, enquanto texto de vida, de cultura e de representação, mesmo quando nos colocamos diante dos desastres, dos fragmentos, das memórias atribuladas e conflituosas, do mal-estar ou da possibilidade de redenção.

Penso que aqui não seria redundante retomar o mito Borgesiano de uma viagem infinita.

BIBLIOGRAFIA

CARRUTHERS, Mary. *The Book of the Memory*. London: Cambridge University Press, 1990.

COLOMBO, Fausto. *Os Arquivos Imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERRARI NUNES, Mônica Rebeca. *A Memória na Mídia: a Evolução dos Memes de Afeto*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2001.

FERREIRA, Jerusa. P. *Armadilhas da Memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. "De uma aula de Rui Coelho: magia e memória", in: *Revista Imaginário*, no 2. São Paulo: Centro de Estudos do Imaginário da USP, 1995.

_____. "José Calasans: um mestre, um pesquisador, um pioneiro", in: *Revista Projeto História* do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, n. 23. São Paulo: Educ, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. São Paulo: Imago, 1997.

GREIMAS, Algirdas J. *Of Gods and Men*. Indiana University Press, 1992.

HNAIDERMAN, Miriam. "Esfarelando tempos não ensimesmados", in: *Revista Ágora*, no. 2, do Centro de Estudos em Teoria Psicanalítica da UFRJ, julho/ dezembro de 2003.

KADARÉ, Ismaél. *Le Dossier H*. Paris: Gallimard, 1989.

22 - GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. São Paulo: Imago, 1997.

23 - HNAIDERMAN, Miriam. "Esfarelando tempos não ensimesmados". *Revista Ágora*, no. 2, do Centro de Estudos em Teoria Psicanalítica da UFRJ, julho/ dezembro de 2003.

- MOURA, Hudson. "Memória e exílio: o cinema de Vladimir de Carvalho". Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1996.
- ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Cuba: Casa de las Américas, 1979.
- RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- SELIGHMAN, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- SCHNAIDERMAN, Boris (org). *Semiótica Russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- TORGA, Miguel. *Diário*. 4ª edição. Coimbra: Coimbra Editora, 1957.
- YATES, Frances A. *L'art de la Mémoire*. Paris: Gallimard, 1987.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Tradição e Esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____; ROY, Bruno. *Jeux de Mémoire: Aspects de la Mnémotechnie Médiévale*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1985.